

A educação para a interioridade segundo os “*exercícios espirituais*” de Inácio de Loyola

«A educação é simplesmente o espírito de uma sociedade
à medida que passa de uma geração para outra»
G. K. Chesterton - *Illustrated London News* (5 de julho de 1924)

RESUMEN

Como dijo el Papa Francisco, no sólo estamos en un mundo que cambia, sino que nos enfrentamos a un cambio de Mundo. La confusión en Occidente, y en quien sigue sus modas, es inmensa, pero el ser humano sigue siendo el mismo. Por eso, aunque tengan casi 500 años, las “*Anotaciones*” que preceden a los “*Ejercicios Espirituales*” de Ignacio de Loyola siguen siendo innegablemente pertinentes y fecundas. Así pues, tomándolas como punto de partida y presentando algunos de sus puntos más sobresalientes, en este ensayo trataremos de intentar llegar al corazón de lo que debería ser trabajado para educar la raíz inmutable del ser humano: su intimidad afectivo-amorosa. Para ello, se hablará de la identidad de quienes educan para esta intimidad; de su relación con sus alumnos; y, finalmente, de algunas estrategias para dicha educación.

PALABRAS CLAVE: Intimidad; “*Anotaciones*”; “*Ejercicios Espirituales*” de Ignacio de Loyola; Amor.

ABSTRACT

As Pope Francis said, we are not only in a changing world, but we are also facing a world. that is being changed The confusion in the West, and in those that follow its fashions, is immense, but the human being remains the same. This is why, even though they are almost 500 years old, the “*Annotations*” that precede Ignatius of Loyola’s “*Spiritual Exercises*” remain undeniably relevant and fruitful. So, taking them as a starting point and presenting them in some of their most salient points, this essay will try to get to the heart of what should be done to educate the immutable root of the human being: his affective and loving intimacy. To do this, we will talk about the identity of those

who educate for this intimacy; their relationship with whom they accompany; and, finally, some strategies for such an education.

KEYWORDS: Education; intimacy; “*Annotations*”; Ignatius of Loyola’s “*Spiritual Exercises*”; Love.

PALAVRAS PREAMBULARES

Este texto é a adaptação para o registo escrito de uma conferência proferida por mim na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa em Braga. De um lado, não sou especialista em “pedagogia”, seja esta a de cariz cristão (e que tem como destinatários típicos catequizandos, alunos de EMRC e de escolas de matriz cristã), seja a aconfessional (se lhe retirarmos os dogmas pedagógicos e práticas psicológicas do eduquês que estão a ser malogradamente ensaiadas aos alunos de hoje provindo de dados sociológicos incertos). De outro lado, só “raspo” na profundidade da mensagem dos “*Exercícios Espirituais*” de Inácio de Loyola [daqui em diante apenas *EE*]. Em consequência destes dois dados, achei que poderia ser, para mim, um bom exercício de aplicação da minha experiência letiva e livresca adquirida em ambos os campos.

Sabia que ia ter um público adverso diante de mim: de um lado, não-católicos – especialistas em pedagogia, psicologia e sociologia – que ensinam em escolas católicas, e, do outro lado, jesuítas a ouvirem um ex-jesuíta a falar do conteúdo do *vademecum* das suas vidas espirituais. Assim, além de adverso, tal público seria igualmente perfeito, sobretudo para quem, como eu, acha que, às vezes, é preciso mais coragem para falar em público do que enfrentar, vestido de vermelho, uma manada de touros.

Seja como for, sendo estas palavras inspiradas no dito na sobre-citada ocasião, decidi manter, ao máximo, o registo oral, com a sua proximidade e carga humana, em vez de optar por um texto de cariz científico, mais acético e impessoal. Sei que isto, aos olhos de muitos, tirará valor a este trabalho, mas estará mais de acordo com o que sou, seja na intervenção pastoral, seja no ensino em distintos estabelecimentos cristãos.

0. DEVERIA SER INTIMIDADE E NÃO INTERIORIDADE

Mal me foi dito, ainda no ano de 2022, qual iria ser o tema que deveria tratar na palestra aos professores da mencionada Faculdade, e ao qual aquiesci de imediato e sem problema algum, fiquei com a ideia que, de facto e se dúvidas persistissem, estava a ser contactado por um jesuíta. Alguém bem familiarizado, desde o seu contacto com o texto dos *EE*, com campo semântico de “interior”¹.

Dessa forma, precisei de começar a minha breve palestra, já em fevereiro de 2023, fazendo o seguinte esclarecimento: para Inácio de Loyola, a “interioridade” é, fruto da mentalidade do seu tempo, o que a Teologia Espiritual, nos dias de hoje, denomina de “intimidade”. Não no sentido comum do termo – associado a gestos de proximidade ternurenta –, mas, justamente, numa clara e importante diferenciação conceptual com o traduzido pelo termo de “interioridade”.

Na verdade, a interioridade é dimensão dos sentimentos e do pretender (profundamente ligado à imaginação e às “*páthe*”, ou vícios), à qual se pode chegar por introspecção e é mais do âmbito da psicologia. É a dimensão da *psiqué* ou da interioridade vital e, conforme o seu nome não disfarça quando traduzido para português, anímica. É o elemento de ligação essencial – numa antropologia mais séria que não separa “*sôma*”², “*psiqué*” e “*pneûma*”, enquanto três “dimensões”, mas não “partes”, do ser humano – entre o “*pneûma*” e o “*sôma*”. Ela unifica este último para, afastando-o da busca ansiosa de realidades desordenadamente prazerosas, ser pneumatizado, depois dela, pelo “espírito”.

A intimidade está associada aos afetos³ e ao querer; é a dimensão mais profunda do ser humano, sendo do âmbito específico, sobretudo,

¹ Cf., *v.g.*, *EE* 44,5; 63,2; 87,3; 213,2; e, sobretudo, 104 e 316,1.

² De notar que “*sôma*”, ou “corpo”, é claramente distinto de “*sárx*”, ou materialidade suporte daquele “corpo” neste universo espaço-material em que vivemos, razão pela qual quando falecemos, o que é sepultado ou, eventualmente, cremado, é, não o “corpo” – inseparável da “*psiqué*” e do “*pneûma*” que já “ali” não se encontram –, mas o “cadáver”.

³ Utilizo este termo no seu sentido espiritual; isto é, de reação (ou afetação) interior ou exterior, a algo interior ou exterior que nos impacta e provoca um dinamismo de atração e (ou) de repulsa que move a nossa pessoa. O crescimento na

da espiritualidade; é a dimensão do “*pneûma*” ou da intimidade amorosa, associada a tudo o que tem mais a ver com Deus. Este “*pneûma*” trata-se do que acontece à unidade “*sôma*”-“*psiqué*” quando, imediatamente no instante da concepção de cada ser humano, passa a ser inabitada pelo Espírito Santo, encarregando-se de orientar o ser humano para Deus e de permitir a relação pessoal com Este. Verifica-se, deste modo, uma grande proximidade com o termo “*kardía*” ou “coração”.

Esta distinção que acabei de fazer, pode parecer anódina e despiciente. Contudo, é tudo menos isso. Sem ela, nada do dito pela Teologia Espiritual contemporânea é compreensível, não nos conhecemos bem a nível da nossa constituição humana e até no âmbito pastoral seria de se a divulgar mais. De facto, isso permitiria que os momentos referidos na nota de rodapé número três fossem vividos de uma forma mais cristã e capaz de dar origem a um processo de luto mais espiritualmente saudável e até fecundo.

De qualquer modo, e com a referida distinção feita, achei por bem nem mudar o título à conferência que deu origem a este trabalho, nem, sequer, o deste, para, precisamente, ter a oportunidade de fazer este esclarecimento, que é, na minha opinião, muito relevante, seja pelos motivos apresentados, seja por outros que estão além dos propósitos destas palavras.

1. O QUE É EDUCAR PARA A INTIMIDADE SEGUNDO OS EE

Numa primeira aproximação, atrever-me-ia a dizer que educar para a intimidade, segundo os *EE*, é algo de muito nobre e peculiar. Para Inácio, Deus é o “mestre-escola” que guia e orienta, com enorme paciência e sem qualquer merecimento nosso, o sujeito em busca da Sua Vontade. E buscá-la onde o mesmo, com a sua identidade individual e circunstancial infinitamente respeitadas por Deus, O poderá mais em melhor seguir, amar e servir de um modo belo e alegre. Claro que “amar e servir” é uma tautologia, pois amar é, desde logo,

vida espiritual passa muito pelo transitar do “ego” para o “eu” através do reorientar, para os afetos de Jesus, os nossos que verificamos estarem afastados dos d’Ele.

um servir; é, sempre, um servir o bem verdadeiro do “eu” verdadeiro da pessoa amada.

Este enquadramento apresentado, surge da totalidade do que são os *EE* e, desse modo, poderá parecer “caído do céu”, devido à ausência de qualquer referência explícita ao texto de tal obra de Inácio de Loyola. Mas isso foi, e é, intencional. De facto, e apesar do passar dos anos – quase quinhentos –, o que está na base do dito mantém-se profundamente atual, mas a linguagem usada por Inácio de Loyola já sente a aquosidade terminológico-semântico desse correr do rio do tempo e precisará, não só da pretérita moldura, mas igualmente de ulteriores esclarecimentos que constituirão a maior parte deste estudo. Mas passemos ao dito texto, deixando-me guiar pelo dito nas “*Anotações*” preambulares dos mesmos – genuinamente mananciais para a sua execução enquanto educação do modo como Deus nos orienta intimamente e nós O podemos vivenciar.

Pois bem, de acordo com tais “*Anotações*” dos *EE*, o educar para a intimidade é potenciar âmbitos de experiência da vida, guiada, «sumariamente» [*EE* 2,1], por um «modo e [uma] ordem» [*EE* 2,1], sendo-se flexível com quem está diante de nós «buscando as coisas segundo a matéria subjetiva» [*EE* 4,7], e usando de «interrogações» [*EE* 6,2], cheias de tato e calor, que favoreçam a caminhada de ensino desejada.

Talqualmente, deve ir-se advertindo, com palavras «brandas e suaves» [*EE* 7,1], seja para as «astúcias» [*EE* 7,2] do mundano que nos envolve a todos, seja para as «regras» [*EE* 8,3] que permitem evitar autoenganos nos diversos estádios do «trabalho» [*EE* 11,2] da sua vida a ser aprendida a viver com «grande ânimo e liberalidade» [*EE* 5,1]. E tudo isto, para se seguir com «advertência e admonição» [*EE* 14, 1] – isentas de qualquer intuito de influenciar ou «mover» [*EE* 15,1] a consciência do educando ao próprio apetecer do educador –, de modo a saber, em tempo adequado e «conforme a necessidade» [*EE* 8,1], os obstáculos que o educando encontra.

Somente assim se será capaz de potenciar que o educando possa «buscar e encontrar» [*EE* 1,4], desde as suas «disposições» [*EE* 18,1] concretas e o estímulo da «vontade» [*EE* 3,1] amante, o Paraíso de Deus que é o seu próprio coração ou “*pneûma*”. O coração por onde

Aquele lhe sussurra, «imediatamente» [EE 15,6] e com dócil «gosto e fruto espiritual» [EE 2,3], o «princípio e fundamento» [EE 23] de toda a sua existência.

Acabei de apresentar, nos três derradeiros parágrafos, a moldura do que é “educar” na opinião de Inácio de Loyola conforme podemos inferir a partir do que está plasmado nas “*Anotações*” dos seus *EE*. Porém, e como já tive a oportunidade de mencionar, creio que é oportuno um esclarecimento, breve neste momento e posteriormente alargado ao longo do restante deste artigo.

Sendo assim, as supramencionadas palavras, retiradas das ditas “*Anotações*”, dizem que educar para a intimidade é, se possível com espírito de missão, guiar o ser humano a elevar-se, visando conduzi-lo a desenvolver o seu “homem 4 potencial” em Cristo, para que, promovendo o seu renascimento em Deus-Amor, realize a sua vocação humana: tornar-se uma liberdade consumada no amor. E isto, de modo a que o que é apreendido seja saboreado lentamente, mais do que devorado numa correria e, simultaneamente, possa ser motivo de uma leve letícia, e não de um incómodo.

Ainda por outras palavras: as “*Anotações*” dos *EE* atestam-nos que educar alguém para a intimidade é capacitá-lo a abrir os olhos do seu coração para que ele veja o que, sendo impercetível aos sentidos comuns, vai torneando, no fuso da sua vida, a feição da sua personalidade. E, ao mesmo tempo, dando um sentido que vai ao encontro do Sentido e, nesse caminho, tornar-se capaz de descobrir as grandes questões da vida e a elas dar respostas, pelo menos básicas, que evitem extremos que neguem a humanização.

Se assim é – e num derradeiro esboço para mostrar que nascemos para nos maravilharmos no serviço que revela que o número dos (casos) reais é maior do que o dos (que) imaginários –, educar, no sentido que estamos a ver, trata-se de nos focarmos nas necessidades

4 Uso o termo “homem” no seu sentido teológico preciso, abrangendo o varão e a mulher e, sobretudo, reservando a grafia “Homem” para Jesus, o inexcédível ser humano por excelência, diante do qual não somos senão esboços do humano. De facto, sendo a natureza humana em Jesus gerida por uma pessoa Divina, ela realizou a 100% as capacidades essenciais inerentes a tal natureza.

da intimidade daqueles que nos foram confiados, esforçando-nos por ensiná-los a abrirem os olhos íntimos do seu ser e a ouvirem o que o seu Senhor, que ama e fala com amor íntimo, lhes comunica numa dinâmica de configuração de amadurecimento dos educandos e, também, dos advérbios.

2. O QUE IMPLICA ISTO PARA O EDUCADOR?

Tudo o que disse no ponto anterior pode parecer complicado, belo, relevante, insensato, interessante, irrelevante, acertado, etc., consoante esta ou aquela pessoa. Isso não só é natural, como desejável – e se tiverdes a bondade de me fazerem chegar as vossas opiniões escrevendo para o email presente na nota de rodapé número dois, só ficarei encantado. A beleza está no contraste de opiniões que são partilhadas, ouvidas, explicadas e aceites ou refutadas na amizade do Senhor.

De qualquer forma – e para tentar ajudar a uma possível melhor valorização do dito na secção anterior deste ensaio dedicado à pedagogia espiritual (pensada, particularmente mas não só, para todos os professores, educadores e agentes da pastoral cristã) –, irei, desde agora e até ao fim deste trabalho, explanar mais detalhada e demoradamente o que escrevemos em tal secção, começando por dar atenção àquilo que o mencionado implica para o educador.

Irei cindir isto em distintas porções para tratarmos de tudo de um modo progressivo.

2.1. *O compromisso do educador na relação com o outro*

Na minha opinião – mas sou um dos “suspeitos do costume”, pois sou convictamente cristão e levo muito a sério a espiritualidade cristã –, o educador deve ser alguém capaz de vislumbrar a intimidade dos demais através da sua própria intimidade, pois somente assim é que Deus Se comunica num contexto educativo. Este é, para o educador, o mais fino e eficaz “evangelho” num tempo em que vivemos as consequências de nos terem “matado” o Pai, “sujado” a mãe e “afastado” os irmãos.

Isto implica, para o educador espiritual, uma espécie de responsabilidade unilateral, para com o Transcendente e o educando, sem

jamais esperar reciprocidade. Estamos precisamente numa posição análoga à do amor, no qual o amor que damos jamais espera um agradecimento ou uma retribuição – muito menos simétrica – por parte de quem é amado. O amor, e o amor posto pelo educador cristão em obra, ou é gratuito, ou nem é amor, e, dessa maneira, a dita responsabilidade nem sequer pode ser assumida.

O amor que está na origem do compromisso transformador, e supera as esferas (por vezes, e lamentavelmente, quase exclusivas) da autoridade e do domínio, faz do educador alguém que, para que haja contacto e impacto, se apoia na intimidade profunda do vínculo a ele inerente. Do vínculo, evidentemente, estabelecido entre si e os educandos, pois a educação para a intimidade precisa de passar de espírito a espírito num compromisso total por parte do educador. Daquele que disse “sim” – depois de haver feito a experiência extraordinária de ter sido convidado por Jesus – a com Este trabalhar neste Mundo desde os Seus três critérios messiânicos: a pobreza (e não a riqueza), a humildade (e não o poder), a dependência face ao coração do amado para servi-lo como ele precisa e não como nós gostaríamos (e não o prestígio).

2.2. Um educador em processo de humanização

Não sei como dizer o que vou referir sem ser, talvez, um pouco incisivo: um educador, sensível à dimensão da intimidade, só se torna consciente de que o outro, que está ao seu cuidado, é frágil e dotado de um valor e de uma dignidade invioláveis, quando iniciou a sua própria caminhada de humanização. A sua via de desapego de si, de libertação da sua liberdade e de serviço. Por outras palavras: quando o educar alguém é viver num estado de missão precedido por um outro, genuinamente crístico e até misteriosamente divino, de demissão de si, ou, pelo menos e sem estas adjectivações, do seu “ego”. Quer dizer: do seu “eu” dobrado sobre si mesmo.

Se o educador não tiver começado esta dita caminhada, resultante de um novo nascimento no espírito em que se recebe sem pretensões o Reino (ou Reinado) como dom, torna-se difícil, senão deveras impossível, chegar ao mais íntimo da pessoa em quem precisa de

alicerçar a sua intervenção pedagógica. É necessário, portanto, que o educador seja alguém verdadeiramente preocupado com a sua humanização e, por conseguinte, viva num estado de porosidade, permeabilidade e maleabilidade perante a entrada, por si e de um modo novo, de Deus no Mundo.

Qualquer outra influência do educador que não esteja ligada à sua própria humanização, tornar-se-á um obstáculo, um empecilho, um nó que atrasará a humanização do educando, em vez de contribuir para ela. Assim, refreará a condução do educando ao coração de si próprio, onde encontrará Deus à sua espera. E se Deus é Amor, o que eu disse do educador só pode ocorrer mediante um amor que não é um sentimento, mas um fazer concreto. Um amor que não se pode fechar num sistema, mas numa doação total, à qual é muito difícil – mas não impossível – resistir devido à sua autenticidade. Sei bem – e não tenho vergonha alguma em o dizer – que as mais belas linguagens do Mundo são o cansaço, a fraqueza e as lágrimas decorrentes de uma entrega em que não se separa Deus do educando; a esperança da realidade; o desejo que o outro frutifique e a aceitação da sua incompreensão.

Se insisto na humanização do educador, é porque é a sua irradiação que constitui a verdadeira ação educativa, efetiva e afetiva. A ação que comunica, ou não, uma Presença através da presença do educando, a qual deve ser de qualidade e que ter Jesus, e os Seus três critérios messiânicos, como modelo. Não há qualquer possibilidade de se chegar à intimidade espiritual do educando por meios materiais, que fazem de Deus uma caricatura, mas somente através da presença alegre no Espírito Santo – mesmo a que faz doer cada átomo do nosso egoísmo macambúzio. A única que deixa transparecer, mais do que aparecer, a dita Presença que guia, verifica e vivifica.

Uma presença humana, adulta e cuja nova escala de grandeza se torna a da generosidade, radicalmente oposta à do mundano, que se inocula em nós (e, noutro contexto, na própria Igreja) sem que nos apercebamos disso. Uma generosidade bondosa, frequentemente silenciosa, e em que a modéstia das palavras envolve uma grande abertura de coração, através da qual o educando pode deixar de duvidar da sua capacidade de se tornar uma pessoa. E tudo isto porque já se

sente tratado como tal: uma pessoa libertada e, se esse for o caso na sua consciência, alguém perdoado.

2.3. Dar a conhecer que a meta de Deus coincide com a do sujeito

A aspiração a fazer-se mais humano não é uma ambição individual. Afirmar isso seria uma “heresia” tremenda. Nada de fecundo há lógica da intimidade – que já vimos ser a da espiritualidade – se for pautada pelo “auto-”, antes devendo ser sempre marcada, como diz o III Concílio de Constantinopla, pelo “com-”. Deus também depende do futuro do homem, a ponto de se Ele – e só Ele – é a nossa Esperança, nós – e só nós – somos a Sua. Pressentir, e dar a pressentir pelo que dissemos nas duas secções anteriores deste estudo, a importância do que está em causa, não pode senão mobilizar e estimular o homem a fazer escolhas. E escolhas bem orientadas para o melhor amor; aquele em que nunca se pensa só em si, mas em todos de quem nos fazemos próximos – e até daqueles de quem nos lembramos.

Na parte mais secreta de si próprio, cada pessoa decide o que vai acontecer a si, sim, mas igualmente a Deus, seja na sua própria história, seja na história da humanidade. Deus já nos redimiu; incumbe-nos, agora – através de decisões em que damos morte ao nosso “ego” para vermos renascer o nosso “eu” – de O protegermos do nosso desamor. Daí a importância de o educador fomentar, na liberdade responsável dos seus educandos, a consciência desta comunhão de metas que une o homem e Deus. Se a essência do ser, e do ser em verdade, é o amor que realiza e consuma a liberdade, a essência deste amor é, justamente, esta liberdade; a liberdade do consentimento efetivo e real à realidade; a liberdade real do educador e do educando; a liberdade cujos frutos não morrem, pois vivem a fazer viver.

Neste espírito, o educador carecerá de dar à sua vida quotidiana a forma de um movimento incessante de amor; de fazer, como já tive a oportunidade de dizer, o bem verdadeiro ao eu verdadeiro do educando. Um “eu” que – estando umbilicalmente ligado a Cristo pelo Seu Espírito (seja o educando cristão ou não) – está umbilicalmente àqueles com quem Ele mais se identificou: os pobres, os marginalizados sociais, os que aspiram pela paz e pela justiça – a do Reino, e

não a que os vendem por um par de aparelhos informáticos de moda. Isto implica que o educando seja um genuíno amigo no Senhor dos pobres.

3. O QUE IMPLICA ISTO NA RELAÇÃO ENTRE O EDUCADOR E EDUCANDO?

Pois bem, o que referi pode parecer música celestial. Não é. Garanto. A mim já me custou uma cruz durante anos por querer ser cristão onde, embora se falasse muito em ter os filhos nos melhores colégios católicos, o ser cristão era tudo menos uma genuína preocupação. Tudo isto leva, destarte, à questão que dá nome a esta secção, na qual, como na precedente e por motivos de uma desejada maior clareza, voltarei a fatiar algo que, no fundo, é elementar.

3.1. *Respeitar incondicionalmente o educando*

O respeito – esse responder a um olhar com outro olhar, sabendo-se que os nossos olhos são a parte mais nua do nosso ser –, neste processo educativo segundo os *EE*, tem um lugar de destaque pois é inspirado na “pedagogia divina” revelada em Jesus. Jesus nunca fez nada a ninguém que este não Lhe tenha pedido – desta ou daquela forma e soubesse ou (mais geralmente) não – o que estava a pedir. Deus, e assim Jesus pelo Espírito, nunca dá o que alguém pretende – algo da esfera da interioridade e da “*psiqué*” –, mas aquilo que, ele querendo – sendo isto do âmbito do íntimo espiritual –, usualmente está por detrás das palavras do pretender que formula, mesmo quando usa o termo “quero”.

O respeito pelo outro significa ver nele alguém diferente, alguém sagrado que convida a uma certa discrição e reserva, distância e proximidade, recato e paixão, porque o seu coração é o jardim secreto de Deus. É, ousaria ir mais longe, o Paraíso – o Jardim das Delícias – e até o Céu do Deus-Amor. A vida espiritual não conhece a imobilidade, antes a frescura desse Jardim, onde corre um riacho que só atravessaremos com Deus e com Este a descamarmos do que em nós é autorreferencial. A brisa do fogo descamante não se foca no passado; ela é um

impulso para a Vida da eternidade presente que é a essência do tempo concentrado, mas não saturado; ela é uma atividade de crescimento em direção ao futuro. Isto implica três aspetos complementares:

3.1.1. *Honrar a consciência*

Se o objetivo da educação segundo os *EE* é despertar o outro para a sua dignidade em Cristo e n'Este com-criar o Reino no coração dos demais, o educador deve mostrar um respeito incondicional pelas consciências que tem a tarefa de co(m)-formar. Nem com a exceção das menos afinadas aos movimentos do Espírito, a consciência é, para o educador, uma realidade inviolável, mas a ser atentamente observada. E observada pelos seus sinais provindos da discreta ação de Deus: ela nos fere quando o nosso egoísmo se vangloria (num apelo à conversão) e alenta quando o nosso altruísmo está em baixo (num apelo à perseverança).

Viver isto é já, instantaneamente, um reflexo da grandeza daquele a quem se deseja elevar à sua autenticidade. Até à sua verdade que é sempre ele mais Cristo, ele em Cristo e Cristo nele. Não para melhor viver, mas para viver melhor. Não para fazer um Absoluto do se sentir bem, mas para se encaminhar a ser o próprio bem no Bem, a ser o amor no Amor. E isto sem medo, pois o medo não vem de Deus, donde, existindo o mesmo, aguarde-se. Aguarde-se a uma distância infinita que, a nível espiritual, é a semente da proximidade total. Espere-se com aquela paciência que – sendo essa ciência da paz é tão própria dos pobres – expressa o querer sem violar o outro, seja em parte, seja na sua soma, antes mostrando uma porta aberta para o indizível no presente, mas passível de ser dito na ocasião certa.

O ser humano pode viver como uma opacidade no exterior, mas não é aí que perceberá a beleza silenciosa e o amor infinito que, enquanto Presença mostrada pela presença do educador, o espera. Essa beleza que não é um revestimento nas coisas, mas, enquanto traço de Deus, uma expressão da essência silenciosa e amorosa de todo o ser, projetando-o para além de si mesmo num saber novo. Uma beleza, então, que é um saber crístico e, inerentemente, uma oportunidade de salvar o Mundo, mas só se, antes, este Mundo salvar Deus das cruzes

que o mundano – esse Mundo desagarrado pelo nosso egoísmo – lhe acarreta.

O educador, por conseguinte, precisa de ser um somatório de comportamentos que favoreçam a consciência da aduzida Presença no educando. De facto, quando a pessoa se sente respeitada, por um respeito que de cenário se faz personagem – como verdadeiro nome da pureza que é sinónima de não se misturar o amor com interesses ego-referentes conscientes – poderá entrar no seu coração. Aí – nesse coração, que é um encontro para implantar o amor numa orientação afetiva sadia –, o educando poderá reconhecer, seja o mistério que ele é em si próprio, seja o Segredo íntimo que o habita.

3.1.2. *Evitar a tentação de forçar uma sujeição*

Respeitar o outro implica que o educador espiritual se abstenha de qualquer iniciativa que possa ser prejudicial para o desenvolvimento da liberdade do educando e que não corresponda à relação, de espírito a espírito, que Deus pretende estabelecer com o educando. Ou seja: o educador não pode ser alguém que queira que os demais sejam como ele, mas que, se o desejarem, vivam com ele, tal como ele, aprendendo e desaprendendo as culturas em que os seus educandos existem, vive com eles para lhes incutir este apelo paradoxal: “sede melhores do que eu”. Sim: isto é uma luta, por vezes tremenda – sei do que falo, pois não posso dizer que não seja isso que desejo dos meus alunos –, mas passível de ser vencida se formos aqueles que mais vezes perdem.

Neste sentido, o educador estará constantemente preocupado em não forçar a dependência dos educandos, muito menos em explorá-los para seu benefício, tornando-os seus satélites. Seus *minions*, como ouço falar tantas vezes. Nada disto, por favor. Segundo as “Anotações” dos *EE* – que tenho seguido rigorosamente, embora com uma linguagem mais expandida e atualizada – é fundamental desejá-los para eles serem, não uma coisa, mas alguém – eles – e, portanto, desistir de desejá-los para si mesmo. Viver uma esperança, que no educando poderá florir quando o educador nunca vir, é morrer para um certo número de expectativas e consentir no advento de outras. É viver no

saber que o “Mundo” é uma bola nas mãos do educando e comandada pelos seus sonhos – aqueles que ninguém conhece.

Toda a educação espiritual consistirá, para o educador, em libertar – de uma forma totalmente desinteressada de qualquer ganho para si – as consciências dos educandos e devolvê-las a estes, para que eles não sejam o reflexo servil e instintivo dos educadores, dos seus pais, do seu ambiente ou dos seus instintos pré-reflexos. Isto pode levar a que o “ego” do educador tente entregar este a mentiras a seu respeito e a repugnâncias face aos educandos. Isso é natural, devido à ferida originada que carregamos, donde não o temos, mas também não nos entreguemos à tentação de querer julgar o “bem” e o “mal”, muito menos a partir do exterior; da ausência de um amor que é sempre um ver em profundidade e, como vislumbramos na Bíblia, vice-versa.

Fruto disto, é à maneira de Deus e como acontece com quem dá os *EE*, que o educador espiritual está chamado a exercer a sua responsabilidade como um poder de serviço que se desvanece no amor. A exercer a uma responsabilidade “sem porquês” e empenhada em garantir, com o máximo de discrição e tanto quanto possível a quem é livremente magnânimo, a segurança do educando neste complexo processo de crescimento na sua interioridade. Uma que, como creio que já vamos vendo, não impedirá ninguém de se descentrar de si, espalhar-se qual nómada do amor pelo Mundo, e, depois, em Cristo e pelo Espírito, trazer esse Mundo até si para o consagrar sobre o altar do seu coração.

Também é necessário, face a tudo o que foi declarado, que o educador aceite que o educando não queira orientar-se para a construção do seu ser. Que ele recuse reencontrar a sua origem divina, a sua interioridade e, consequentemente, o Outro como Presença no seio da sua intimidade humana. Ou seja, o Outro como a Alteridade fundamental que permite que ele seja quem é. Esta incerteza não deve, contudo, limitar a copiosidade abnegada e o esforço resiliente do educador cristão, sabendo que uma presença fiel e pródiga é, geralmente, uns dos primeiros paços no processo de despertar o outro para quem ele é de verdade. A rejeição custa – que o diga Deus na Cruz –, mas a persistência do educador é a única forma destes educandos pressentirem que os amamos mais do que a nós – algo que Deus também ostentou,

numa humildade que é a face oculta do amor, naquele mesmíssima Cruz.

3.1.3. *Ser adaptável, cauteloso e realista*

Como terceiro e último item desta secção, diga-se que incumbe ao educador saber adaptar-se no seu contacto com os mais diversos educandos, se quiser ser compreendido por estes e estabelecer uma troca significativa com eles. O motivo é simples: comumente, a maioria das pessoas – e uso aqui “pessoas” para falar, não apenas dos educandos, mas de todos nós – tem pouca, ou nenhuma, consciência das suas dependências face a si mesmas. De como o apego a si próprias é o motor das suas vidas.

Assim, qualquer palavra que quebre a carapaça desse apego, rasga todo um mundinho espiritualmente corroído que ela encobre. Essa dilaceração é agonizante e a tendência inata é a de se afastar daquilo que o causa. É por isso que o educador deve ser económico e respeitoso nas suas palavras, porque palavras desajeitadas podem fazer mais mal do que a ausência de palavras. Serei franco e talvez brutalmente direto: em assuntos essenciais, pelo menos, as palavras que não trazem luz arriscam-se a agravar a escuridão. Donde mais vale um coração sem palavras, do que palavras sem coração.

Esta economia de palavras destina-se também a preservar o frescor da descoberta no educando. Já o sabemos que, em derradeira análise, não são as palavras do educador que importam. O relevante é, sobretudo, a sua compaixão amorosa que está por detrás dessas palavras e pelo meio da qual estas se podem tornar palavras da vida na Vida. Sem essa misericórdia – o amor transfigurado pela compaixão – as palavras podem tornar-se desajustadas e tenderem a ser perçecionadas como agressivas. Desse jeito, o educador jamais logrará guiar os educandos de onde eles estão para onde devem chegar: para a frente (o futuro) e para cima (para Deus), onde está Cristo à espera de os plenificar.

Neste contexto, todo e qualquer automatismo deve ser evitado, especialmente os *clichés*, *slogans* ou conselhos emprestados. Por outras palavras: todas as frases que, por mais belas e profundas que sejam,

não ressoem realmente na situação de quem está diante de nós. Pelo contrário, as palavras ditas, através de uma presença oferecida, devem ser leves, diáfanas, sinceras e sem acrescentos adornamentais – que sempre revelam que nós, educadores, ainda não aceitámos a nossa incompletude. Mesmo que o único “treinador” na sala de aulas seja o educador, é o educando que deve ser o centro da relação de educação para a intimidade, não aqueloutro. Isto é capital.

4. ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

Na minha opinião – que cada vez sinto valer cada vez menos, graças à ajuda de muitas pessoas –, já pudemos ver bastantes elementos do que, em geral, podem ser considerados como parte integrante do molde da educação para a intimidade segundo os *EE*. Poderíamos continuar, pois havia material para mais dois ou três apartados. Contudo, isso apenas tornaria este texto mais maçudo e pouco atrativo para quem com ele se pudesse cruzar. Desse modo, avançarei para a quarta grande parte deste trabalho e na qual enunciarei algumas estratégias educativas focadas nos fitos anteriores e que seria de tentarmos implementar enquanto embebidos nas já nossas conhecidas “*Anotações*”.

4.1. *Potenciar uma educação baseada na experiência*

Sabemos que as experiências acarretam, em elas mesmas, sementes da verdade: se formos a correr contra uma parede e nela batermos, descobrimos a verdade que não somos capazes de atravessar paredes sólidas e sem aberturas. Mas pondo de lado este exemplo mais leve, as experiências que são humanizantes – ou seja, aquelas que podem despertar a pessoa para a sua inviolabilidade – são as que mais sementes de verdade comportam. Isto é um facto até porque, quanto mais profunda é a experiência, mais ela é reveladora – mesmo que seja a experiência de um questionamento acerca do qual, em aparência, não se aspira por uma resposta.

Uma primeira destas experiências ocorre quando o educando se dá conta de que, como já disse, tem dentro de si uma zona na qual

ninguém pode penetrar sem o seu consentimento; onde ele é mais do que ele mesmo; onde até pode estar afastado de si estando em si; onde há um espaço para constatar que os factos não são suficientes e o sentido tem que vir de fora. De um “fora” cada vez mais alargado até se tornar transcendente a tudo o que existe neste Mundo que não sacia todas as nossas sedes essenciais, apontando, queiramos ou não, para esse Transcendente que nos atrai, não pelo medo, a cólera ou o acenar de uma recompensa, mas somente pelo amor desarmado.

De outro lado, e para ser sucinto ante algo já anotado distintas vezes, temos a experiência da liberdade, que é a mais especificamente humana de todos os acontecimentos das nossas vidas. De facto, é ela que nos define como seres humanos, pois é através dela que a nossa humanidade emerge da natureza. Mas não só: ultimamente, a importância desta experiência reside no facto de ser a experiência do encontro com uma Presença que Se nos dá a respirar: com um Deus livre e libertador, cujo amor estava lá, à nossa espera, mesmo antes de O conhecermos. É a experiência de uma comunhão de amor que se abre para um horizonte sem limites. É o início do renascimento a partir do íntimo, sobre o qual temos vindo a falar e com que Inácio de Loyola sonha nos seus *EE* bem diapasonados nas suas “*Anotações*”.

4.2. *Favorecer o silêncio que maravilha*

A meta do que é educar, e que coincide com que o que o nosso espírito procura incansavelmente, só pode ser reconhecida no silêncio. Este, que não é sinal de ausência mas de um excesso, retira o educando das suas fixações e do porão fibroso em que está. Um excesso que o abre a Alguém em Quem ele se pode perder sem nada perder; antes tudo ganhar. Se o silêncio pode ser solidão – e em quantas ocasiões dramáticas o é –, também pode ser soledade e até comunhão, pois é a substância da palavra que poderá ser dita para nos fazermos presentes à Presença no mais íntimo de nós mesmos.

Gostaria de dizer que esta parte da leitura do que é a educação para a intimidade segundo os *EE* é da minha autoria original, tal como ocorreu frequentemente até aqui, mas não é. Isto é inspirado em Jesus, o Qual, na minha opinião, usou uma pedagogia que era sobretudo ativa

e simbólica, em vez de verbal. Do mesmo modo, para alcançar e ajudar o educando a entrar neste silêncio, o educador é convidado a deixar-se guiar por aquilo que desperta a sensibilidade mais humana – e, dessa forma, mais divina – de quem está diante de si, numa grandeza que está condicionada pela humildade que é a força do amor.

O educador precisaria de se fazer um dom, de ser “evangelho” do Evangelho e ser uma testemunha, a respirar amor, d’Aquele que Se ofereceu, e que Se oferece, incessantemente. Precisaria, pois, de se identificar e comungar com as alegrias e as tristezas do educando, num compromisso total de si mesmo expressado numa renúncia a palavras infrutíferas, por mais que, sem ingenuidade nenhuma, saiba que a rosa é suplício desbordante do roseiral. E tudo isto, nas peugadas de um Cristo que – quando encontra, em quem quer que seja – um fundo de “querer” jamais deixa de Se oferecer como resposta – a Resposta – a esse “querer”.

O mais importante é o educador promover o recolhimento no educando para este poder ficar espantado. Na realidade, quando nos maravilhmos, quando admiramos, quando nos entusiasmos – palavra que, curiosamente, quer dizer “estar cheio de Deus” –, mais nos desapegamos necessariamente de nós e permanecemos, saibamo-lo ou não, suspensos na Beleza de Deus, regozijando-nos na Sua Ação, perdendo-nos no Seu Amor. Não nos damos mais vezes conta disto, pois, frequentemente (senão ordinariamente), Deus trabalha ao revés, e precisamos de tempo para ver, do direito, o criado por Ele. Mas não. Nós cortamos precipitadamente os nós das árvores que são, como todo o educando, a promessa de uma nova árvore.

É com toda a justiça que me podeis perguntar: como fazer isto? Admito com toda a verdade – pois, para lamento meu, não sei ser de outra forma – que é delicado de o fazer e até de o dizer. Mas não posso não o mencionar, deixando a cada um fazê-lo – como eu próprio tento realizar – ou não: a forma mais segura é irmos ao fundo das nossas paixões mais profundas. Aquelas que herdámos biológica e psicologicamente e começámos a nutrir ainda antes de termos consciência do que é que estávamos a fazer, embora já estivéssemos a suscitar uma “bola de neve”.

As paixões são perigosas quando se realizam apenas pela superfície ou pela metade. São ainda mais perigosos quando queremos asfi-

xiá-las. Mas tornam-se criativas quando vamos às suas raízes e elevámo-las no amor também pelo seu próprio potencial de crescimento. E esta realidade, dado que, no fundo, elas não são senão o amor desordenado que, quando reorientado ou recanalizado de modo teófilo, desabrocha numa sinfonia de virtudes, as quais são o amor refratado nas circunstâncias em que as precisamos de viver. Mas queremos fazê-lo?

4.3. *Educar o inconsciente*

Estou a terminar. Antes de ir para a penúltima secção deste trabalho (a que precederá a minha Conclusão inconclusiva), devo retomar o dito no fim da secção anterior e mencionar que a tarefa de educar não diz respeito apenas ao âmbito da consciência. O inconsciente – esse mundo que está abaixo do que a nossa consciência gere de um modo que nos é reflexo – também está envolvido no processo educativo, devido ao poder considerável que tem sobre o educando – sobretudo devido à idade em que com ele nos cruzámos usualmente, embora conheça pessoas de idade madura totalmente imaturas psicologicamente e, ainda mais, espiritualmente (e, assim, a nível da sua intimidade amoroso-afetiva).

Evangelizar o inconsciente é, portanto, urgente, embora seja um encargo delicado, porque todos nós, sem exceção, somos uma história que nos escapa; que, por vezes, até nos domina. Falo por mim: só muito tarde na minha vida tomei conhecimento do impacto que tiveram em mim – pessoa já adulta – eventos da minha vida infantil, adolescente e juvenil que, na ocasião, vivi de modo inconsciente ou sem saber sobrepor os seus efeitos. Hoje, eles ainda estão de tal modo encrustados em mim, que, na prática, são o que eu sou, não sendo, na essência do meu ser, o que sou. Eis porque, como Paulo, às vezes ainda faço o que não entendo, e não faço o que entendo.

Seja como for, este domínio do inconsciente sobre nós persiste enquanto não houver aquela renovação radical para a qual já aponte. Ou seja: a única maneira de não padecermos tal domínio, que quase que nos “robotiza”, é iluminar, com coragem, tal inconsciente, vendo ao que ele nos leva, e ordenando-o a partir do fundo, purificar as raízes do nosso ser. Eu sou tímido, irónico e medroso, mas já logrei, na

maior parte da minha personalidade, fazer o que aduzi com a ajuda do meu “acompanhante espiritual” e ver-me com o olhar misericordioso de Deus. Donde, força: não desistam de o fazerem, seja enquanto educadores, seja, primeiramente, como pessoas

Este tratamento radical ocorre no encontro com a Presença que estando em nós não está menos dos nossos educandos. Tal ocorrência inaugura uma existência em que estes se libertam gradualmente – também connosco, que deles tanto temos a aprender sobre o Reino – do poder dos determinismos inconscientes em favor de uma existência cada vez mais autêntica, humana e pessoal. Uma existência em que nos abandonamos ao amor que desconhece todo o pré-determinismo calculado. E esta realidade, num analogado com o próprio ato criador divino, que quer de nós com-criadores e não marionetes; pessoas do “decide” e não do “submete-te”.

4.4. Permitir que o educando absorva a mensagem antes de a explicitarmos

Para quem sobreviveu ao que escrevi até aqui, já com a água do poço a chegar cá arriba no balse puxado por uma corda a girar numa roldana enferrujada, só falta dizer umas brevíssimas palavras. Ânimo!

De facto, há uma estratégia final que tem múltiplos impactos, uma vez que apoia quase todas as outras. Trata-se do poder evocativo e sugestivo (oral, visual, musical, táctil, etc.) da imagem. Ao fazê-lo, oferece-se o já referido espaço para a descoberta pessoal: o tema desenvolve-se por si só no recolhimento do espírito, como a semente da parábola e, assim, o encontro com a verdade terá o sabor, não de uma imposição, mas de uma descoberta. É apenas nesta condição, de facto, que os temas tratados se tornam alimento e interrogações, e não apenas uma bagagem que vai pesando cada vez mais ao longo da viagem. Só depois deve vir a explicitação, irrigando a semente com tento e sentido.

5. PALAVRAS (IN)CONCLUSIVAS

Como hei de concluir o que está apenas tratado de esguelha? Abordado de modo genuinamente incompleto, também devido ao método que elegemos para tratar do tema deste texto: partirmos *apenas* das “Anotações” dos *EE* e não de todo o seu texto? Já lá irei, num esforço que me custará o suor do coração. Antes disso, e sem me querer justificar ou explicar, digo apenas que o método escolhido surgiu, não fruto de uma precipitação preguiçosa, mas de uma atenta consideração de quem ia ter diante de mim: pessoas que, na sua maioria, nunca fizeram os *EE* e, assim, poderiam estranhar alguma da sua linguagem – algo com que nunca me sentiria confortável ao palestrar numa Faculdade dirigida pela Companhia de Jesus.

Dito isto, creio que, como forma de palavras parcialmente finais, terá ficado relativamente claro que todo o educador, que se mova para educar a intimidade dos educandos segundo os *EE*, deve viver de uma forma em que: a) trate do educando como uma pessoa livre, ou em dinâmica de se libertar mormente do seu “ego”, e em processo de valor e dignidade em dignidade e valor; b) tente fazer com que ele dirija o seu olhar para Deus, de modo a se encantar com Ele; c) entre no “jogo” do inconsciente, pois um bom conhecimento da dinâmica deste é uma ferramenta valiosa, ainda que deva ser usada com cuidado, pois o educador nunca deve impor ao educando aquilo que esse conhecimento lhe permitiu compreender sobre o comportamento deste; d) olhe em frente para o potencial do educando, em vez de se deter nas suas eventuais fraquezas; e) e, por fim, use uma linguagem simbólica em vez de uma meramente lógico-abstrata.

A questão, neste momento, é simples: vamos a isto para simplificarmos o nosso Ocidente cada vez com bases menos sólidas, pois fragmentadas e em franco confronto entre si? Eu já optei e, não sendo de mármore, tenho visto o meu coração sangrar mais vezes do que pensava possível. Mas deixar-me-ei ficar exangue por isto, pois é o que vale a pena. É a pena da pena que vale mesmo.

ALEXANDRE FREIRE DUARTE

Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa
Centro de estudos de História Religiosa

